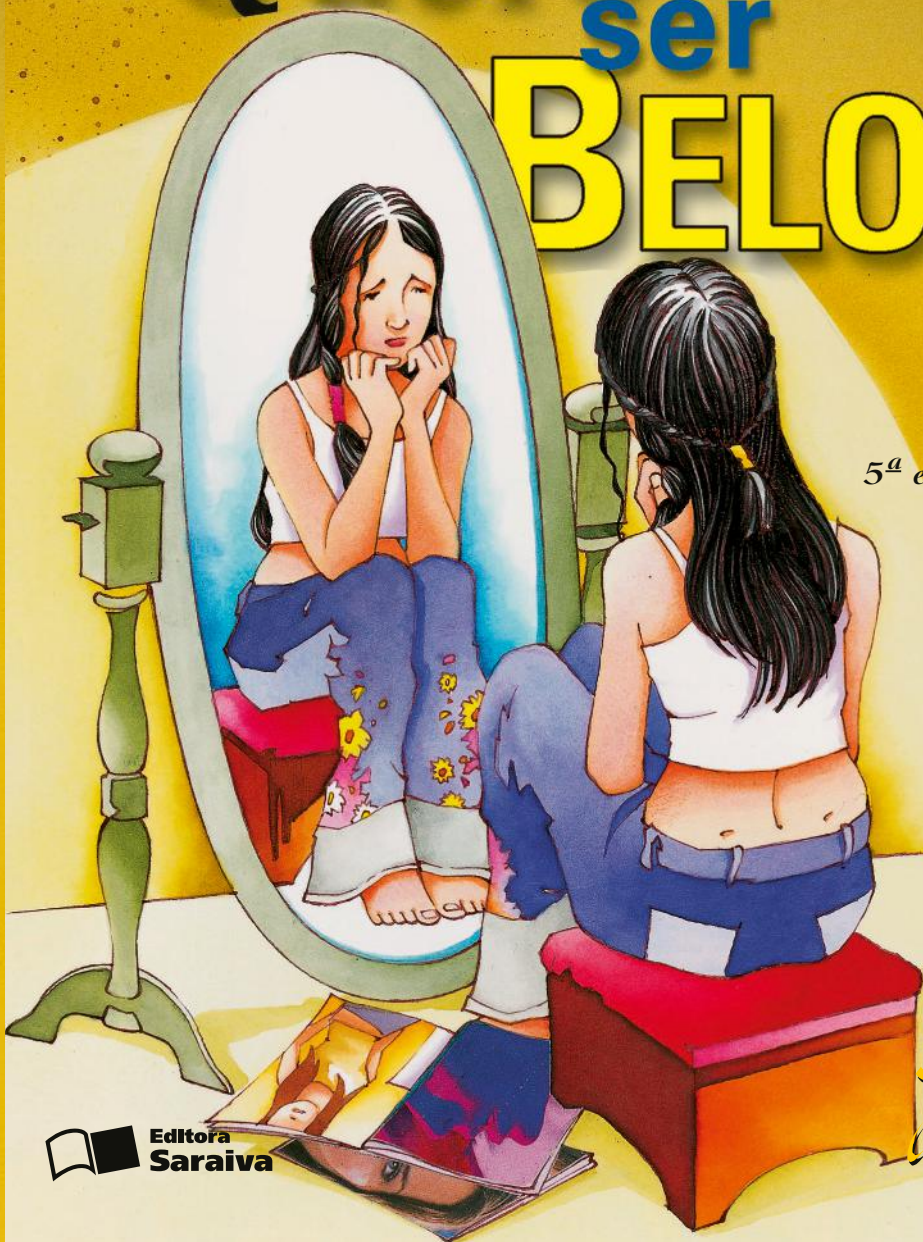


TÂNIA ALEXANDRE MARTINELLI

Ilustrações de MARCELO MARTINS

Quero ser BELO

5ª edição



Editora
Saraiva

COLEÇÃO
ABUTI

TÂNIA ALEXANDRE MARTINELLI
Ilustrações de Marcelo Martins

Quero ser BELO



5ª edição
Conforme a nova ortografia

Editor: ROGÉRIO GASTALDO

Assistente editorial: KANDY SGARBI SARAIVA

Secretária editorial: ANDREIA PEREIRA

Suplemento de trabalho: ROSANE PAMPLONA

Supervisão de revisão: LIVIA MARIA GIORGIO

Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Supervisão de arte: VAGNER CASTRO DOS SANTOS

Diagramação: LUIZ ZAMPIERI

Finalização: ROBSON LUIZ MEREU

Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELICIUC

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martinelli, Tânia Alexandre

Quero ser belo / Tânia Alexandre Martinelli; ilustrações de
Marcelo Martins. — 5. ed. — São Paulo : Saraiva, 2009. —
(Coleção Jabuti)

ISBN 978-85-02-07967-0

1. Literatura infantojuvenil I. Martins, Marcelo. II. Título. III. Série.

03-0072

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

11ª tiragem, 2017



Editora
Saraiva

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.editorasaraiva.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados à SARAIVA Educação S.A.

CL: 810035

CAE: 571335

*Para Luciana Polline, que me deu a primeira ideia para escrever esta história.
Para o professor José Leite, um apaixonado pela Mata Atlântica.
Para Fernanda, Elisa e Júlia, que já são lindas, mas que vez ou outra acabam dizendo: “Acho que eu preciso emagrecer...”.*



CAPA DE REVISTA

— Você viu como a Giuliana Fontes tá lindíssima nesta revista?

— Cadê?

— Aqui, ó. Dá só uma olhada!

— Puxa! Tá linda mesmo...

— Será que falta muito pra eu ficar igual a ela?

— Hum... Dá uma voltinha pra eu ver.

— Que tal?

— Bom... é pra ser sincera?

— Claro, né!

— Ainda falta um pouco.

— Ai... vou ter que dar um jeito de acelerar o meu regime!

— Ah, Priscila, você não precisa de regime...

— É claro que preciso, Ju! Em vez de você me dar a maior força! Sabe que eu ando gorda mesmo...

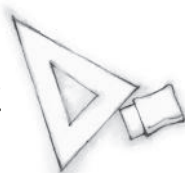
— Gorda? Você é que enfiou essas minhocas na cabeça.

— Ah! Quer saber de uma coisa? Não vou mais ficar discutindo com você sobre isso. Me empresta a revista, vai? Nossa! A Giuliana Fontes tá linda mesmo...

— É... bonita ela é, ninguém pode dizer o contrário.

— Pode escrever aí, Ju. Eu vou ficar igualzinha a ela. Pode escrever.

SURPRESA NA CLASSE



Estavam na aula de Biologia. A primeira aula. E todos já tinham notado a novidade. Alguns cochichavam, outros procuravam fazer amizade. Mas foi o professor José que resolveu apresentá-la para toda a classe.

— Esta é a Clara, pessoal.

Todos olharam para ela. Clara deu um discreto sorriso.

Clara veio para o Colégio Dom Olivatto no meio do ano. Não queria, de jeito nenhum, abandonar a sua antiga turma, seus amigos de tanto tempo. Tinham estudado até a oitava série juntos, alguns desde a pré-escola. E, agora, no primeiro ano do ensino médio, fora obrigada a mudar de escola.

Mas não teve outra saída. Seu pai conseguira um outro emprego, bem melhor que o antigo, e o jeito era mesmo mudar de cidade.

— Esta classe é muito legal, Clara — o professor continuou falando. — Tenho certeza de que você vai gostar.

Clara balançou a cabeça em sentido afirmativo e deu outro sorriso.

Clara tinha quinze anos. Era loira, tinha os cabelos levemente ondulados e o comprimento um pouco abaixo dos ombros, todo por igual. Tinha o rosto redondinho, cheio, e olhos verde-acinzentados.



O professor encerrou a apresentação e foi fazer a chamada. O cochicho recomeçou. Maiara, a garota sentada ao lado de Clara, aproximou-se da carteira da menina nova e falou:

— Você vai gostar desta classe, Clara.

— Tomara.

— O pessoal é mesmo muito legal. O professor tá certo.

— É que é difícil começar numa classe bem no meio do ano...

— Mas você vai se adaptar, você vai ver.

— Como é o seu nome?

— Maiara.

— Que bom, Maiara! Acho que já fiz uma amiga!

As duas garotas sorriram.

— Pode contar comigo — disse Maiara.

— Eu vou mesmo precisar. Tenho certeza de que algumas matérias vão estar diferentes.

De repente, o rosto de Clara se transformou. Tinha uma expressão bastante preocupada.

— Não sei como vou fazer para acompanhar — ela disse.

Maiara tentou deixá-la mais tranquila:

— Não vai ser tão difícil, não, Clara. Eu ajudo no que puder, tá bom? Fica fria.

Clara agradeceu. Puxa! Que ótimo ter feito amizade assim, logo de cara! Pelo jeito, ia realmente ser muito bom estudar no Dom Olivatto. Muito bom mesmo!

NO INTERVALO



— O que você achou, Ju?

Priscila e Juliana estavam andando pelo pátio. Juliana comia um lanche que acabara de comprar na cantina. Tinha oferecido um pedaço à amiga, mas ela recusara com um “nem pensar! Estou de regime”.

Juliana terminou de mastigar e perguntou:

— Achou o quê, Pri?

— Achou o quê! A menina, é lógico! A tal de Clara.

— Ah!

Juliana deu outra mordida no seu lanche. Estava ótimo! Parecia não estar se importando tanto com a pergunta. Priscila, sim, estava aflita para saber a opinião de Juliana, sua melhor amiga. Por isso insistiu:

— Fala logo, Ju! Achou o quê?

— O que eu achei? Sei lá o que eu achei! Não parei pra pensar nisso, não.

— Você a achou bonita?

— Ah... mais ou menos. Nem prestei muita atenção nisso.

Juliana já tinha aberto a boca para dar outra mordida, quando mudou de ideia. Franziu as sobrancelhas e virou-se para a amiga:

— Por que você tá me perguntando isso, Pri?

— Porque sim, ora essa! Sabe, Ju, eu não achei, não. Aliás, se eu ando meio fora de forma, ela anda o quê, hein? Uma baleia, isso sim!

— Ah, Priscila! Não exagera, vai! Ela só é um pouco mais rechonchudinha... Gorda ela não é.

— Um pouco? Ora essa! Faça-me o favor! E eu sou o quê?

— Você? Ah, Priscila! Ainda tá pensando naquelas bobagens que me disse no outro dia?

— Bobagem? Você fala assim porque é minha amiga. Mas pode ser sincera, Ju.

— Eu não falo isso pra te agradecer. É o que eu acho. Você é magra, Priscila.

— Tá bom... — falou Priscila, com cinismo.

Juliana balançou os ombros e voltou a comer o seu lanche. Não adiantava insistir nesse assunto. Quando se falava em estar ou não fora de forma, Priscila não dava uma trégua. Só ela é que estava certa. Mais ninguém.

Priscila mudou de assunto:

— Por que será que o Edu faltou hoje, hein?

— Sei lá... — Depois de uma pausa continuou: — Ele não é de faltar, não é? Vai ver tá doente.

— Tadinho... Queria estar lá, consolando ele...

As duas olharam uma para outra. Priscila fingindo cara de piedade. As duas caíram na risada.

De repente, Juliana lembrou:

— Que pena que ele faltou justo hoje! Deixou de conhecer a menina nova.

Priscila fechou o sorriso. Não gostou do comentário da amiga. Nem um pouco. Na verdade, Priscila era louca por ele e morria de ciúme de qualquer menina que tentasse se aproximar de Eduardo.

— Sorte a dele, Ju — disse Priscila, a cara ainda mais séria.

— Sabe, Pri, já tem tanta menina suspirando por causa do Edu... Será que a menina nova também vai ficar a fim dele?

Priscila aumentou o tom de voz, agora demonstrando estar realmente irritada com as colocações de Juliana:

— Coitada! — falou com deboche. — Ela que não se atreva! Primeiro, que ele não ia dar a mínima. Segundo, que eu sou muito mais bonita que ela. Não sou, Ju?

— Muito. Milhões de vezes.

Priscila ficou calada por um instante. Depois perguntou, segurando o braço da amiga, fazendo-a encará-la de frente:

— Você me acha bonita mesmo, Ju?

— Claro! Você é linda, Priscila.

O ESPELHO



Priscila chegou em casa meio deprimida. Não sabia por quê. Talvez fosse a conversa que tivera com Juliana, talvez fosse por causa da menina nova, ou ainda por causa de Eduardo. Não sabia ao certo. Só sentia.

Olhou na sala, foi até a cozinha, depois ao quarto da mãe. Vazios.

Seu pai estava viajando a trabalho; Robson, seu irmão menor, de nove anos, tinha ficado de almoçar na

casa de um colega de escola; e a mãe, naturalmente, não devia ter chegado do trabalho ainda. Isso, se ela viesse almoçar. Já tinha perdido a conta de quantas vezes a mãe ficara direto no trabalho.

Estava mesmo sozinha. Foi para o seu quarto, jogou o material sobre a cama e deitou-se, deixando seu olhar parado no teto, o pensamento longe, pensando em nada. Só um vazio, uma incerteza, uma dor, uma coisa que não sabia explicar, nem definir, mas que de vez em quando vinha bater dentro do peito. Era sempre assim.

Levantou-se e foi até o espelho da penteadeira. Viu uma garota de quinze anos, faltando quatro meses para dezesseis, morena, cabelos lisos e compridos, olhos pequenos e pretos. Até que pela idade era um pouco alta, sim. Gostava de sua altura. O problema estava com o corpo. Não era esse corpo que queria. De jeito nenhum. Não gostava dele.

Priscila continuou olhando para o seu reflexo. Sentiu raiva. Tirou com força a sua camiseta e a calça *jeans*. Virou para um lado, para o outro e depois parou. Ficou olhando sua imagem, examinando-se, apenas de calcinha e sutiã.

Foi até sua cama, onde tinha deixado a revista. Voltou com ela para a frente do espelho. Esticou o braço e olhou para a capa, mais de longe agora. Jogou os cabelos de um lado e de outro e procurou se posicionar do mesmo modo que a modelo. Ajeitou a coluna, encolheu a barriga e olhou para sua imagem no espelho. Depois, para a revista.

— Droga! — Desmanchou sua pose e jogou a revista longe.

Priscila escutou um ruído na porta de entrada. Tratou logo de colocar uma roupa. Colocou outra camiseta e um *short*.

Quando estava terminando de se vestir, sua mãe abriu a porta.

— Tive um problema no escritório. Não pude sair na hora — ela foi explicando.

— Tudo bem.

— Vem almoçar, filha.

— Não tô com fome, mãe. Comi um lanche na cantina.

— Então vou ter que almoçar sozinha?

Priscila balançou os ombros. Não estava com vontade de fazer companhia para a mãe, apesar de não ter comido lanche nenhum na cantina. Ia aproveitar sua falta de apetite para seguir adiante com o regime. Depois, se sentisse fome, comeria alguma bobagem.

A mãe não insistiu. Fechou a porta e foi almoçar.



EDUARDO E A MENINA NOVA

No dia seguinte, Priscila acordara bem melhor. Não estava deprimida nem nada. Já tinha passado. Só estava com saudades. Morrendo de saudades de Eduardo e não via a hora de chegar à escola e falar com ele.

No ano passado, Priscila chegara a ficar com ele duas vezes. Mas era só. Apesar de tudo o que ela fazia, ele parecia não ligar a mínima. E queria tanto não apenas ficar, mas namorar com ele! Era o que mais desejava.

A classe inteira sabia de seu interesse por Eduardo e ele fingia que não sabia.

Assim que chegou à escola, viu Eduardo. Mas ele não estava sozinho. Conversava com Maiara e Clara.

Eduardo tinha acabado de completar dezesseis anos no comecinho do mês. Era moreno, alto, magro, cabelos lisos e castanhos, e tinha olhos verdes. Era muito bonito e, por isso mesmo, um dos garotos mais paquerados da escola toda.

Eduardo, Maiara e Clara estavam rindo e demonstravam estar se dando superbem. Isso deixou Priscila furiosa.

“Ela já está dando em cima do Edu...”, pensou alto.

Priscila fechou a cara e foi caminhando na direção deles. Queria acabar logo com a alegria dos três.

— Oi! — ela disse.

Clara respondeu prontamente ao seu cumprimento com um sorriso, mas Priscila não sorriu. Ao contrário, desviou os olhos da garota, empinou o nariz e olhou para Eduardo.

— Você estava doente ontem, Edu?

— Mais ou menos.

— Pensei em te ligar, mas tive que fazer umas coisas e acabou passando...

Eduardo deu um sorriso em agradecimento.

— Tudo bem, Priscila. Já passou. Tive um pouco de febre, achei que fosse me dar uma gripe daquelas.

— Sabe, Edu, você perdeu um montão de coisas.

Eduardo ia abrir a boca para perguntar o que teria perdido, mas não deu tempo. Priscila pegou na mão dele e disse:

— Vem comigo. Eu vou mostrar pra você. Depois, se quiser, eu vou até a sua casa hoje à tarde e te ajudo em tudo.

Priscila foi puxando Eduardo para longe das meninas. Ele ainda olhou para trás e deu um sorriso de despedida, até meio sem graça.

Quando ele já estava longe, Clara disse:

— Puxa... Ela nem falou com a gente...

— É bom você ir se acostumando com a Priscila. Ela é assim mesmo.

— Acho que ela não foi com a minha cara — concluiu Clara.

— Não! Não é nada com você, não!

— Não? — Clara fez cara de espanto.

— Não — Maiara resolveu desfazer o mal-entendido. — Todo o mundo sabe que a Priscila é a fim do Eduardo há um tempão.

— Ah, é? Então foi por isso que...

— Aqui no colégio tem muita menina atrás dele. Ele é lindo, não acha? É por isso que ela fica louca.

Clara fechou a boca. Não disse mais nada. Só ficou pensando.

As duas foram caminhando devagar, em direção à classe. Clara sentiu vontade de fazer uma pergunta à amiga:

— Você disse que tem muita menina atrás dele.
— Ela parou de falar um instante. — Só porque ele é bonito?

— E você acha pouco? — Maiara parecia espantada com a pergunta, a qual lhe soava como um tremendo absurdo.

— Não é só isso que conta — disse Clara, demonstrando bastante certeza sobre aquilo que pensava.

— Tá, mas ele é um cara legal também.

Clara fez um gesto de aprovação com a cabeça.

— Isso é o mais importante.

O sinal acabara de bater. O pessoal começava a se retirar do pátio para entrar em suas salas de aula, mas ninguém tinha muita vontade de ir. As férias tinham terminado há poucos dias e todos queriam que elas se estendessem por mais um tempo.

Só que também havia os reencontros, a saudade dos amigos que já ia ficando para trás, a montanha de novidades para contar... Sem falar na excursão que, dentro de poucos meses, ia acontecer. A ansiedade era geral.

No final das contas, era muito bom poder estar de volta.

— Você também é a fim dele? — Clara perguntou de repente, enquanto Maiara cumprimentava todo o mundo que passava.